



“JONGO, UMA RODA PELA
IGUALDADE”: TEMATIZANDO O
JONGO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Carolina Gitahy Hamburger





“Jongo, uma roda pela igualdade” foi fruto da tematização do jongo, desenvolvida entre fevereiro e agosto de 2019, na turma Clementina de Jesus, composto por 30 crianças de 4 e 5 anos, da Escola Municipal de Educação Infantil Nelson Mandela, localizada no bairro do Limão, zona norte de São Paulo. O jongo é uma dança de roda advinda das regiões da Angola e do Congo, trazida para o Brasil por populações que foram escravizadas. Res-significado ao longo do tempo, o jongo, como forma de saudação da ancestralidade e afirmação identitária, representa a resistência do povo negro, a riqueza de suas culturas e é matriz de outras manifestações culturais relevantes para a cultura brasileira, como o samba.

Desde 2011, a EMEI Nelson Mandela vem transformando as relações raciais dentro da escola a partir da construção coletiva de um Projeto Político Pedagógico baseado na Lei 10.639/03⁷⁰, e trabalha para que os princípios de uma educação antirracista atravessem todas as dimensões de seu currículo. A escola entende que as estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais do Brasil foram historicamente construídas a partir de concepções e mecanismos racistas que favorecem as pessoas brancas em detrimento das não-brancas e que esse racismo estrutural afeta as pessoas de diversas formas desde a primeira infância. A história do Brasil, tal como narrada até os dias de hoje, apagou ou distorceu traços fundamentais da luta das pessoas negras e suas contribuições para formação das áreas cultural, so-

⁷⁰ Lei federal que torna obrigatório o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas.

cial, econômica e política nacionais. A maneira como as pessoas negras, suas histórias e culturas são apresentadas, representadas ou excluídas das escolas podem determinar com que aspectos as crianças vão construir suas identidades e referências. A EMEI Nelson Mandela acredita ser dever da escola assegurar que essa história seja recontada e garantir representatividade, valorizando a negritude e desconstruindo estereótipos.

Na EMEI Nelson Mandela, a cada ano é escolhido um tema comum para o projeto didático a ser desenvolvido pelas turmas. No decorrer do ano, cada turma traça seus próprios caminhos a partir de suas curiosidades, hipóteses e interesses e tem como possibilidade a intersecção, o compartilhamento de saberes com as outras turmas. Em 2019, as turmas foram nomeadas em homenagem a mulheres negras importantes para história e cultura do Brasil e o início do projeto de cada turma se deu pelo estudo da vida de cada uma das musas. A turma Clementina de Jesus, do qual eu era professora no período da tarde, descobriu durante suas pesquisas que Clementina tinha uma forte relação com o jongo. A partir de então, escolhemos tematizar essa prática. A tematização aconteceu especialmente no momento destinado à cultura corporal previsto na linha do tempo (rotina do grupo (45 minutos semanais).



O disparador para o início da pesquisa sobre Clementina de Jesus foi um presente enviado para as crianças da turma. Era um lenço, tal qual Clementina usava na cabeça, e um tambor acompanhados do escrito “Quelê”. “Quem será Rainha Quelé? Quem são as rainhas? Por que elas dançam? O que elas fazem?” Foram questões que levantei diante do presente. As crianças lançaram suas hipóteses e pesquisas a partir de seus referenciais e revelaram seus imaginários sobre o tema.

“Uma rainha usa uma coroa e tem uma luva”

“A rainha tem uma luva, uma coroa,
um vestido precioso e um sapato de ouro”

“Ela deve ter o cabelo solto e a coroa dela deve ser de
ouro que nem a da Bela Adormecida.”

Com o intuito de oferecer mais elementos para que as crianças pensassem sobre o tema, confeccionei um jogo composto por cartões que continham imagens de diversas rainhas. Cada criança escolhia um cartão e, então, coletivamente, fazíamos uma apreciação. Foram apresentadas rainhas de manifestações culturais como a congada, o maracatu e as escolas de samba, rainhas do samba e do pop, rainhas guerreiras quilombolas que lutaram pelo seu povo, rainhas europeias, rainhas africanas, rainhas asiáticas, negras, brancas, jovens, idosas. Compusemos um cartaz com esses cartões e depois confeccionamos um jogo da memória das rainhas para somar à nossa ludoteca.

Por meio dessa atividade, as crianças tomaram conhecimento da existência de diferentes rainhas e do fato de que nem todas atendiam aos estereótipos apresentados por elas inicialmente. No entanto, o jogo não revelou a identidade da Rainha Quelé.



Para resolver esse mistério, fizemos uma pesquisa coletiva na internet usando o telão da sala multimídia e descobrimos que se tratava de um ape-

lido carinhoso atribuído à Clementina de Jesus. Quem diria! Clementina de Jesus, a mulher que deu nome à turma é uma rainha! Nesse mesmo dia, tomamos conhecimento da música intitulada “Rainha Quelé”, de Dona Ivone Lara, musa que deu nome a outra turma da escola.

No decorrer da semana, depois de escutá-la diversas vezes, paramos para analisar sua letra. Com o apoio de um cartaz, destaquei uma estrofe que diz: “Vejo a lua prateada, no *terreiro de jogueiro*, escutando a sua voz, praguejando o cativoiro”. Então questionei: “Alguém tem alguma ideia do que seja terreiro de jogueiro?” Algumas respostas foram: “Eu acho que terreiro é onde as pessoas vive e fica tomando ar e fica brincando o dia inteiro”, “Eu acho que é casa”. Em seguida perguntei: “O que vocês acham que é jongo, de jogueiro?” Uma única criança respondeu: “jongo é tipo uma ginga. Tipo, ano passado eu aprendi com a prô Alice que é ginga. Eu acho que naquela época eles gingavam.” Ela estabeleceu essa relação pois havia participado de vivências de capoeira no ano anterior.



Ao constatar que ninguém sabia ao certo o que era jongo, perguntei o que poderíamos fazer para descobrir. As crianças que estavam na escola no ano anterior e, portanto, tinham familiaridade com a ação investigativa, disseram: “temos que pesquisar!”. Sugeriram algumas formas de pesquisa: na internet, na sala de leitura, perguntando para as pessoas, entre outras. Decidimos fazer entrevistas, primeiro na escola e depois no entorno do bairro. A pergunta formulada pelas crianças foi: “você sabe o que é o jongo? E jogueiro?”

Foi a partir desse momento que a investigação acerca do jongo passou a acontecer paralelamente ao estudo da vida de Clementina de Jesus e de seus desdobramentos. Os momentos da rotina destinados à cultura corporal, como mencionando anteriormente, foram dedicados à tematização do jongo. Enquanto isso, o percurso investigativo disparado pelo estudo da vida de Clementina ocupou os momentos de projeto (três momentos de 45 minutos por semana). Esses percursos aconteceram concomitantemente e foram complementares um ao outro, sendo assim, em alguns momentos desse relato sobre a tematização do jongo faço menção a atividades e descobertas que ocorreram no percurso paralelo.

De volta à pesquisa, na escola, as respostas das pessoas que sabiam o que era o jongo variaram entre uma dança, dança de origem africana e dança muito antiga. Na semana seguinte, fizemos a mesma pergunta para pessoas que transitavam no entorno da escola. Nenhuma das entrevistadas sabia o que era o jongo. Nesse dia, uma criança falou: “Prô, a gente precisa contar pra todo mundo que é uma dança”. Respondi que realmente precisávamos contar para as pessoas sobre o jongo, mas que antes era necessário aprendermos mais sobre ele.



Dando continuidade à investigação, propus que fizéssemos uma pesquisa na internet, ferramenta que também havia sido indicada pelas crianças como fonte de pesquisa. Fomos até a sala das professoras onde havia quatro computadores disponíveis. As crianças se revezaram em duplas e foram convidadas a digitar a palavra JONGO no campo de

busca de imagens do *Google*. Ao ver as imagens, imediatamente as crianças identificaram: “é uma dança! Ô, prô, jongo é uma dança!”. Conforme apreciavam as imagens, eu as provocava com perguntas do tipo: “o que vocês estão vendo nessa imagem? O que mais chamou sua atenção nessa? Você já viu isso em algum lugar? Etc.”

De volta à sala da turma, perguntei ao grupo o que haviam descoberto durante a pesquisa na internet.

“Eu vi um monte de mulher dançando de vestido e saia”.

“Eu vi na pesquisa do ‘poncutador’, aí eu vi uma criança dançando com um vestido e um tambor”.

“Eu vi pessoas dançando em volta de uma fogueira”.

“Eu vi todo mundo fazendo música”.

“Eu vi com a Isabelly que a gente viu duas fotos, uma era colorida e a outra meio branca, aí era uma roda. Circular, circular”.

“Eu vi que tava descalça”



No encontro seguinte, mostrei imagens impressas selecionadas a partir da pesquisa no *Google*. As crianças logo reconheceram as imagens e voltaram a apreciá-las. “Eu acho que esse tamborzinho aqui é da Rainha Quelé”,

disse uma criança relacionando o tambor da roda de jongo ao presente que haviam ganhado. “Prô, por que eles tão dançando no meio? Prô!!! Eu tava certa, o jongo é a capoeira!” concluiu a mesma criança que havia associado jongo à ginga.



Em seguida, propus que as crianças fizessem uma pintura inspirada nas referências que tinham sobre o Jongo até então. Em suas produções, as crianças puderam retratar suas impressões sobre os elementos relacionados ao Jongo. Apareceram rodas, fogueiras, pessoas de saia, tambores.

O passo seguinte da nossa investigação foi assistir a um vídeo de uma roda de Jongo. Durante uma conversa sobre o que haviam assistido as crianças compartilharam:

“Eu vi gente dançando. É tipo o samba!

Porque é uma dança muito antiga”.

“Eu vi pessoas tocando o tambor”.

“Eu vi um homem e uma mulher dançando no meio da roda”.

“Eu vi pessoas dançando com antiga de um tempo atrás.

Girando, girando”.

“Eu vi que eles dançavam assim, ó”.

O que até então eram apenas informações e imagens estáticas, ganhou som e movimento. A partir dessa experiência, as crianças começaram a transportar para seus corpos as novas referências apresentadas na pesquisa e associá-las a seus repertórios pessoais. No encontro seguinte, na

quadra, disponibilizei os elementos do jongo que haviam sido observados durante os momentos da pesquisa: saias de chita, tambores e fogueira (que construímos com galhos e papéis crepon). Propus que experimentassem esses elementos ao som de músicas de jongo. A saia ganhou destaque. Todas as crianças quiseram vestir, dançar e girar para vê-la rodar.

Durante essa vivência, uma criança disse: “Prô, parece o pagode! Minha mãe adora pagode. Pagode é tipo samba”. Essa percepção foi muito simbólica. Até então, não havíamos aprendido que o jongo é matriz para outros ritmos tradicionais e contemporâneos, mas a informação não foi necessária para que a criança estabelecesse essa relação. Ela o fez a partir de seu repertório e de suas próprias experiências de vida, evidenciando a importância do trabalho com as manifestações culturais de matriz africana que, de uma forma ou outra, está presente na vida de todas/os nós brasileiras/os, e também da importância de entender as crianças como sujeitos pertencentes a um contexto histórico, inseridas em uma sociedade que as impacta e é impactada por elas, e que são capazes de ler e elaborar interpretações sobre o mundo (concepção de criança descrita no PPP da EMEI Nelson Mandela).

Essa enunciação traçou uma conexão entre o passado e o presente, e revelou o caminho que já estávamos percorrendo em direção a um entendimento da constituição da cultura brasileira e de sua história – tema que estava sendo trabalhado durante a pesquisa disparada pelo estudo da vida de Clementina de Jesus quando descobrimos que seus avós vieram da África.



Na semana seguinte, repetimos a vivência com os elementos do jongo. No começo, combinamos de dançar em roda experimentando a maneira como havíamos observado no vídeo e nas fotos. Em seguida, as crianças foram convidadas mais uma vez a registrar o que haviam vivido. Para isso, foram disponibilizados materiais de desenho, retalhos de chitas e galhos. Essas atividades de registro contribuem para a estruturação dos saberes e vivências. Por meio delas, as crianças têm a possibilidade de elaborar, sistematizar, significar, ressignificar e expressar suas interpretações sobre as experiências vividas e conhecimentos construídos.



Após as pesquisas e vivências iniciais, em roda, lancei a pergunta: o que nós aprendemos até agora sobre o jongo? As crianças enunciaram mais uma vez tudo o que já sabiam. No meio das falas, uma criança disse: “a gente acha que é uma dança africana, mas a gente quer ter certeza”.

Dando ouvidos a esse pedido, recorri a uma matéria da revista *Ciências Hoje* intitulada “Jongo, avô do samba”. Preparei cartões com as informações e imagens principais trazidas na revista. Dispus no centro da roda os elementos do jongo que eles tinham vivenciado: saias, tambores, fogueira e coloquei cada cartão junto de um desses elementos. Antes de começar, falei sobre a matéria e mostrei a revista. As crianças ficaram em volta da roda e, cantando uma música da Clementina de Jesus, sorteei algumas crianças. Cada qual escolhia um cartão para que eu lesse e mostrava para a turma. Depois, colamos os cartões em um papel craft para compor um cartaz.



As informações apresentadas nessa atividade, além de trazerem novas informações, conferiram sentido a muitas coisas que haviam visto e vivido

sobre o jongo e também durante o trabalho sobre Clementina de Jesus. Por exemplo, ao lerem o cartão que dizia “Os africanos e as africanas escravizados/as vindos de regiões como ANGOLA e CONGO que desembarcaram no Rio de Janeiro e São Paulo trouxeram consigo a cultura da RODA DE JONGO” as crianças puderam associar essa informação à história da vinda das/os africanas/os para o Brasil que lhes foi contada pela turma Dandara.

Esse encontro se deu porque, durante uma apreciação de músicas da Clementina as crianças ouviram uma palavra que reconheceram: quilombo. No jogo das rainhas, as crianças conheceram três rainhas quilombolas, entre elas Dandara dos Palmares, que também deu nome a uma turma da escola. Assim, estavam familiarizadas com a palavra quilombo, porém não conheciam seu significado. Quando questionei sobre como poderíamos descobrir o que significa “quilombo”, uma criança sugeriu: “vamos perguntar pra turma Dandara!” Então, escrevemos uma carta marcando um encontro. Na data proposta, as crianças da turma Dandara contaram a história do Brasil a partir da formação dos quilombos.



Dando continuidade à tematização, fizemos a leitura do livro “Jongo”, de Sônia Rosa com ilustrações de Rosinha Campos. É um livro curto, bem ilustrado, que conta a história de um menino que, desde a barriga da mãe, vivia as rodas de jongo. A leitura do livro foi feita em uma roda próxima ao cartaz criado a partir do jogo da revista. Dessa forma, foi possível estabelecer relações imediatas entre o que aparecia no livro e as informações contidas no cartaz. Também exibimos o documentário social “Jongo”, que retrata a comunidade de jongo Dito Ribeiro. As crianças tiveram a oportu-

nidade de ouvir e aprender sobre o jongo a partir da fala de quem o vive e visualizar seu território.

Nessa toada, convidamos a jongueira Aninha para fazer uma vivência com a turma. Quando propomos o trabalho com as culturas negras, é importante que suas/seus representantes, suas vozes e corpos, estejam em algum momento presentes na escola e sejam posicionados como referência. Como mulher branca que nunca havia vivenciado essa prática eu jamais poderia ocupar esse lugar. Com isso em mente, durante todo o percurso nos colocamos como pesquisadores. Inclusive eu, a professora. Em momento algum procurei me colocar como fonte de conhecimento sobre o jongo e ao invés disso, buscamos saber mais por diversas fontes: pelos conhecimentos das pessoas à nossa volta, pela internet, pela música, pela literatura, por uma revista científica, por um documentário e então, o mais importante, por uma jongueira. Aquela que vive o jongo e é herdeira de sua ancestralidade e espiritualidade.

Quando disse às crianças que receberíamos a visita da jongueira Aninha, ficaram muito animadas. Para nos preparar para a visita, fizemos um levantamento dos conhecimentos acessados até então:

“A gente ainda não sabia o que era o jongo então a gente pesquisou e descobriu o que que era”.

“Era mulheres dançando descalças”.

“Eu vi que tinha tambores e música tipo o samba”.

“A gente foi lá fora e perguntou: você sabe o que é o jongo?”

“Eu lembro que você trouxe aquela revista que tava escrito do ladinho: o avô do samba!”

“Eu vi a África ali!”

“A África é da onde os avô da Clementina veio. Mas não é África do Sul, mas é tipo África do Sul”.

“Depois a gente viu os tambores aqui ó: o pequeno, o médio e o grande. Que nem tava fazendo aqui na África. Tava aqui na África os tambor”.

“Eu lembro daquele livro da Semente da África”.

Depois as crianças elaboram perguntas que gostariam de fazer à convidada:

“Onde as pessoas escravizadas trabalhavam?”

“No lugar onde você faz jongo tem fogueira?”

“Você conhece a Clementina de Jesus?”

“Você dança na roda de jongo?”

“Por que as rodas de jongo só podiam ser à noite?”

“O jongo é da África?”

“O tambor veio da África?”

“Homens e mulheres dançam na roda?”

No dia da visita, Aninha chegou descalça e vestida com uma longa saia de chita. As crianças logo notaram: “por que você tá descalça?” “Você tá de saia?”. Aninha explicou que o jongo se dança descalça – algo que as crianças já haviam observado nas imagens e vídeos pesquisados – e que a saia é um elemento importante para dançar. Sentada em roda, Aninha contou a história da vinda das/os africanas/os para o Brasil. Mais uma vez as crianças puderam reviver essa história já contada pela turma Dandara e enunciada no jogo da revista. Dessa vez, contada da boca de uma jongueira que relatou que, nessa vinda, elas/eles trouxeram o jongo.

As associaram a informação a outro conhecimento acessado durante a investigação sobre Clementina. Em determinado momento, depois de descobrir que seus avós vieram da África escravizados, nos questionamos: o que os avós da Clementina e outras africanas e africanos trouxeram consigo para o Brasil? Concluímos que na época da escravidão trouxeram consigo para o Brasil suas culturas e conhecimentos. Sendo assim, a partir dessa fala da Aninha, as crianças puderam localizar o jongo dentro das culturas e os conhecimentos trazidos pelos africanos e africanas.

Em seguida, ela respondeu às perguntas elaboradas pelas crianças e depois sugeriu que vestissem as saias. Nos contou que a saia deve ser sempre vestida por cima da cabeça e nunca por baixo, pelos pés. Ensinou passos do jongo e explicou a importância de permanecermos sempre em roda. Disse que antigamente era preciso ficar em roda para proteger uns aos outros.

Aproveitamos muito a participação da Aninha. As crianças se engajaram tanto na conversa quanto na vivência. Aprendemos mais sobre a his-

tória e os simbolismos do jongo e, ao dançar, registramos em nosso corpo. As crianças criaram com ela um vínculo de afeto e respeito.



Na semana seguinte, a professora Cris, da turma Dandara, que fazia aulas de percussão onde tocava ritmos do jongo, sugeriu que eu convidasse seu professor para tocar e cantar com as crianças. Paulinho veio e trouxe seu tambor. A professora Cris também participou da vivência. Ele apresentou às crianças diversos pontos (músicas cantadas nas rodas de jongo). Mostrou ritmos no tambor e também os passos. Deixou que as crianças tocassem e dançaram com elas. O tambor e os pontos foi o que teve mais destaque nessa vivência. A partir desse dia, as crianças passaram a batucar em tudo quanto é lugar (nas mesas, nas panelas do parque, nas pernas) e cantar os pontos aprendidos.



A vivência com o jogueiro Paulinho se deu na última semana de aula em julho. Quando voltamos às aulas em agosto, tínhamos que preparar nossa apresentação de dança para a festa da escola que aconteceria na ter-

ceira semana. Durante o processo de elaboração e dos ensaios, e mesmo depois, as crianças, espontaneamente, passaram a improvisar pontos com base naqueles apresentados por Paulinho.

“A Prô Cris é uma jongueira
Ela toca com o Paulinho
Ela toca com o Paulinho, Ai meu deus do Céu
Ela toca o tambor”

Para a apresentação, as crianças decidiram criar uma coreografia para a música “Muriquinho Pequenino”, da Clementina de Jesus e, em seguida, fazer uma roda de jongo com os passos que aprenderam com Aninha e Paulinho. Durante a criação da coreografia, as crianças inseriram muitos conhecimentos acessados ao longo do projeto nos passos inventados. Uma criança sugeriu que cruzássemos os braços acima da cabeça durante um giro e depois os abríssimos para representar que os/as africanos/as escravizados/as foram presos/as, mas lutaram e conquistaram a liberdade.

Além disso, no começo da apresentação, nos posicionamos em roda sem o figurino – saias e coletes de chita –, entoamos a música da Clementina à capela e fizemos gestos como se estivéssemos os lavando as saias e coletes na beira do rio. Durante nossa pesquisa sobre Clementina, aprendemos que sua mãe cantava enquanto lavava roupas no rio e que muitas músicas que Clementina gravou ficaram em sua memória daqueles momentos. Em seguida, as saias foram vestidas pela cabeça, tal como Aninha ensinou, e a coreografia começou.

Tomamos a decisão importante de fazer nossa apresentação na calçada, pois quando fizemos a pesquisa no entorno da escola, ninguém sabia o que era o jongo. Fazendo jus àquela fala inicial - “prô, a gente precisa contar pra todo mundo que é uma dança” - resolvemos mostrar pra todo mundo o que havíamos aprendido sobre o jongo.

A apresentação no dia na festa foi um sucesso! Emocionante para nós e para as crianças apresentar o resultado de um processo tão rico e significativo. As crianças estavam apropriadas e desinibidas. Dançaram e cantaram com propriedade. As famílias e a comunidade que assistiram à

apresentação na calçada também se mostraram bastante comovidas. Foram convidadas a cantar e dançar junto das crianças.



Mesmo depois da festa, no decorrer do ano, em diversos momentos do dia, as crianças dançavam e cantavam o jongo. Às vezes, pediam para que eu organizasse uma roda de jongo, mas normalmente elas mesmas começavam a cantar e a formar rodas para dançar. Continuaram fazendo desenhos que remetiam ao jongo e sempre que viam algo que associavam a essa prática, faziam questão de apontar. É evidente como foi um percurso significativo carregado de novos aprendizados e referências.

Ao longo do processo, foi interessante constatar as teias de conhecimento que as crianças foram tecendo conforme estabeleciam relações entre algo novo que se apresentava e os conhecimentos que possuíam. A diversidade de atividades (pesquisas, entrevistas, vivências corporais, contação de histórias, apreciação de imagens, apreciação de músicas, jogos, assistências de

vídeos, etc.), a multiplicidade de espaços nos quais elas aconteceram (na sala da turma, na sala das professoras, na quadra, no entorno da escola, no espaço de artes, no parque, na secretaria, etc.) e a maneira como foram organizadas de forma que uma desse sentido a outra (a pesquisa para responder a uma pergunta oriunda da apreciação da letra da música, o registro gráfico feito a partir de uma vivência corpóreo-musical, etc.).

Por meio da tematização do jongo entrelaçada ao Projeto da Clementina, as crianças acessaram diferentes significados; se apropriaram de seus símbolos entendendo sua importância; lidaram com a história do Brasil e a constituição de nossa cultura; experimentaram a dança como meio de expressão, brincadeira, e também como uma herança cultural carregada de história; puderam viver momentos de letramento que, ao estarem situados no projeto, promoveram sentido às ações escritas e lidas; experimentaram diversas formas de representações gráficas (desenho, pintura, colagem) como forma de registros de suas aprendizagens e vivências; e resignificaram **a prática ao se apropriar e recriar as músicas, os pontos, as formas de dançar, as gestualidades, os usos dos elementos, etc.**

Vivemos uma experiência potente de valorização da cultura brasileira de matriz africana, apontamos caminhos que desafiam a lógica racista, eurocêntrica e hegemônica que ainda embasa grande parte dos currículos, e reconhecemos as crianças pequenas como seres capazes de ler, refletir, questionar, criar hipóteses e transformar o mundo a sua volta. Viva a turma Clementina de Jesus! Viva a comunidade mandelense! Viva a escola pública! Viva a educação infantil antirracista! Viva as culturas do povo negro! Viva Clementina de Jesus! Viva o jongo!



Para assistir ao vídeo que registrou essa experiência, clique [aqui](#).